

alternadas fatias de tempo. Assim, lidando com depoimentos de diferentes épocas (professores que tenham atuado nos anos vinte, nos sessenta ou mesmo recentemente) e com diferentes categorias analíticas (etnia, gênero, classe, crença etc.) o conjunto da obra resulta numa harmoniosa polifonia, cujos acordes interligam, criativamente, narrativas verbais e fontes escritas.

Resta ainda dizer que a leitura nos prende ao longo das páginas, especialmente porque nos faz dar conta, mais uma vez, do quanto todos nós, professores e pesquisadores, estamos inseridos em práticas de dominação, assumindo neste cenário o papel de sujeitos e de objetos, quase na mesma intensidade em que proclamamos indignação e revolta diante do que “os outros” costumam dizer e fazer.

Beatriz Daudt Fischer
Doutoranda, Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

*Jovens acontecendo nas
políticas públicas. Brasília:
CNPQ, 1998, 2 vols., 772 p.*

Embora nos últimos anos tenha sido possível registrar visibilidade crescente em torno da questão juvenil, ainda são poucos os estudos e diagnósticos existentes no Brasil envolvendo esse ciclo de vida. Visibilidade e debate público em torno dos jovens, sobretudo na mídia, não significam, necessariamente, crescimento de ações ou políticas coerentes do Poder Público e intensificação do campo de estudos sistemáticos sobre juventude na pesquisa, em particular das ciências humanas. Mais ainda, se a década de 90 privilegiou a

legislação e o debate em torno dos direitos de crianças e adolescentes, expressos no ECA — Estatuto da Criança e do Adolescente —, a faixa etária não coberta pelo estatuto (18 a 24 anos), inexplicavelmente ficou obscurecida e o conhecimento mais denso das questões que compreendem esse segmento na sociedade brasileira permaneceu submerso.

Por essas razões, *Jovens acontecendo nas políticas públicas* reúne qualidades que a tornam publicação essencial para aqueles interessados em conhecer melhor a juventude brasileira, quer sob o ângulo da pesquisa ou sob a ótica do interesse político-social.

Os dois volumes pretendem, nas palavras de Elza Berquó — presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento e responsável pela organização da publicação — “documentar a qualidade e o nível de vida a que estão sujeitos os jovens nesta difícil e desafiante fase do ciclo vital”. Talvez este seja o grande mérito da publicação, pois raramente esteve ao alcance de um público mais amplo descrições e informações relevantes para a compreensão dos segmentos juvenis que constituem, atualmente, 20% da população brasileira.

Divididos em grandes temas, os artigos que compõem a coletânea examinam a vida de 32 milhões de jovens situados entre 15 e 24 anos, compreendendo características sócio-demográficas que traçam a evolução desse segmento, incluindo as diferenças entre cidade e campo, cor, migrações, casamento, fecundidade e anticoncepção. Um extenso capítulo trata das condições de saúde apresentando índices de morbidade hospitalar e taxas crescentes de mortes juvenis, revelando que as causas externas — acidentes e violência — ocupam lugar

privilegiado: de 60 a 80% das mortes do sexo masculino e 20 a 50% do sexo feminino, em todas regiões do país. Nesse conjunto, a dimensão da mortalidade juvenil por armas de fogo é também examinada. No grupo de 15 a 19 anos verifica-se que a taxa de mortalidade por armas de fogo aumentou de 14, em 1980, para 37 por 100.000 habitantes em 1991 e, de acordo com Szkwarcecwald e Leal, autores do capítulo, esses índices são responsáveis pelo incremento da taxa geral de mortalidade específica para este grupo etário.

O segundo volume reúne artigos que examinam temas na área da educação, trabalho, previdência, cultura, gastos e políticas públicas. Os dados sobre educação, obtidos através da PNAD de 1995, do Censo Demográfico de 1991 e da Contagem Populacional de 1996, são examinados nos textos de Felícia Madeira e de Ana Lúcia Saboia. O material é abundante e se torna particularmente importante quando se incorpora a análise realizada por Affonso Rodriguez Arias que avalia a situação ocupacional e rendimentos do trabalho dos jovens nos anos 90. As relações complexas entre educação e mercado de trabalho podem ser melhor compreendidas mediante a leitura desses artigos que as examinam sob óticas diversas.

Os aspectos culturais são descritos tendo por cenário sobretudo a cidade de Salvador e os vários programas e projetos que têm sido desenvolvidos por ONGs no campo das práticas artísticas e culturais. São também analisadas as denominadas condutas juvenis de risco mediante artigo de Francisco Bastos e Beatriz Carlini-Cotrim que privilegia o tema consumo de substâncias psicoativas. Religiosidade e sexualidade são

aspectos também contemplados na coletânea, evidenciando novas necessidades de investigação sobre práticas, condutas e orientações, particularmente se considerarmos a diversidade social e cultural da sociedade brasileira.

Os artigos finais da coletânea analisam os recursos financeiros e as políticas públicas destinados aos jovens. Não obstante o reconhecimento da existência de alguns gastos que atingem o segmento de 15 a 24 anos, os textos evidenciam a ausência de políticas públicas para os jovens que, segundo observação de Maria das Graças Rua, ainda não entraram claramente na agenda do Poder Público. Chama a atenção do leitor a total ausência de informações sobre gastos na área de esportes e cultura. Parece que nesse âmbito as eventuais preocupações existentes na esfera federal ainda não permitem aflorar nenhuma orientação relevante. Os programas e projetos descritos no primeiro volume no artigo de Cannon e Bottini são destinados à população em geral, e, de acordo com os autores, o conjunto das iniciativas é extremamente fragmentado no âmbito do próprio governo. Ao que tudo indica, as iniciativas voltadas diretamente para a população jovem no âmbito da cultura, ainda que pontuais e com significativas dificuldades de continuidade, restringem-se às organizações não governamentais da sociedade civil.

Algumas qualidades evidenciam a importância da leitura desse conjunto de trabalhos. Em primeiro lugar porque todo o campo das ciências sociais, em particular a área da Educação, se ressentem da ausência de estudos quantitativos densos que permitam aferir de modo mais preciso a situação da juventude na sociedade brasileira nos anos 90.

Grande parte dos esforços da pesquisa educacional se dirige para o desenvolvimento de investigações que privilegiam as abordagens qualitativas com pouca ênfase nos estudos de natureza estatística, os diagnósticos ou *surveys*. São raros os pesquisadores que têm empreendido tais análises. Uma das conseqüências negativas para o desenvolvimento do campo reside no fato de que os dados são utilizados, em geral, apenas no âmbito governamental ou em âmbito setorial e, muitas vezes, não são trabalhados por grupos significativos de pesquisadores.

Outro aspecto positivo do trabalho é expresso na diversidade de pontos de vista, demonstrando que os dados quantitativos ensejam análises construídas a partir de óticas diversas. O debate sobre os jovens, suas relações com as agências de socialização, como a escola e o mundo do trabalho exemplifica essas questões. Embora aparentemente simples a evolução da pesquisa ainda deve percorrer uma longa trajetória de modo a explicitar os novos desafios que se apresentam tanto para os sistemas educativos como para as alternativas de desenvolvimento econômico que possam absorver esse contingente que certamente tem procurado na instituição escolar um elemento necessário, mas não suficiente, de qualificação e de possibilidade de ingresso no mundo do trabalho.

A palavra é dada aos jovens na apresentação dos capítulos mediante depoimentos colhidos com participantes de projetos culturais e artísticos de Salvador. As falas são ricas e sugestivas e indicam a existência de um amplo campo de possibilidades que podem propiciar a constituição dos jovens em atores coletivos na busca de direitos. A implantação de políticas públicas destinadas a fomentar situações de

justiça social e a abrir espaços públicos que ofereçam novos campos de expressividade para as ações juvenis ainda é meta a ser alcançada. O sucesso dependerá não só da vontade política do mundo adulto e das instituições públicas ou privadas, mas, também, da presença da juventude enquanto ator político na sociedade brasileira.

Marília Pontes Sposito
Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo

Joan Martinez Alier. *De la economía ecológica al ecologismo popular*. Barcelona, Icaria Editorial, 1994, 362 p. Segunda edição revista e ampliada.

Martinez Alier é catedrático de Economia e História Econômica da Universidad Autónoma de Barcelona. Dirige a revista *Ecología Política* da Icaria Editorial. Foi *Research Fellow* do St. Anthony's College, Oxford, Inglaterra.

A temática desenvolvida neste livro — ampliado em mais 4 capítulos desde sua primeira versão de 1992 — integra a própria trajetória profissional e política de Martinez Alier. Nas 362 páginas (onze capítulos) refletem-se as inquietações de um intelectual que combina ação política e pesquisa qualificada.

Além das atividades acadêmicas, o autor tentou candidatura pelos *Verdes* ao Parlamento de Madri sem conseguir, porém, eleger-se. Sua vida tem se dividido entre as atividades de professor e pesquisador, entremeadas pela organização e coordenação de eventos em torno da